



# Expediente



Comissão Episcopal para a Comunicação Social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (Cepac/CNBB)

Grupo de Reflexão sobre Comunicação (Grecom/CNBB)

## Membros Cepac/CNBB

Dom Valdir José de Castro, bispo da Diocese de Campo Limpo (SP)

Dom Amilton Manoel da Silva, bispo da Diocese de Guarapuava (PR)

Dom Edilson Soares Nobre, bispo da Diocese de Oeiras (PI)

## Assessores da Cepac/CNBB

Osnilda Lima, Diocese de Guarapuava (PR)

Padre Tiago Síbula, Diocese de Santo André (SP)

## Grupo de Reflexão sobre Comunicação (Grecom-CNBB)

Aline Amaro da Silva (vice-coordenadora) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Claudenir Módolo Alves – Faculdade de São Bento de São Paulo

Janaína Gonçalves – Pastoral da Comunicação (Pascom Brasil)

Ir. Joana T. Puntel, fsp – Serviço à Pastoral da Comunicação e Instituto Teológico São Paulo

Magali Cunha – Instituto de Estudos da Religião e Coletivo Bereia

Moisés Sbardelotto (coordenador) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Ricardo Alvarenga – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

## Diagramação

Mateus Leal

## Capa

Alessandro Abrantes e Alex Alves Guimarães

## Apoio

Pascom Brasil

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

"Preservar vozes e rostos humanos" [livro eletrônico] : reflexões sobre a mensagem do Papa Leão XIV para o 60º Dia mundial das comunicações sociais / Aline Amaro da Silva ... [et al.]. -- Brasília, DF : Ed. dos Autores, 2026.

PDF

Outros autores: Claudenir Módolo Alves, Janáina Gonçalves, Joana T. Puntel, Magali Cunha, Moisés Sbardelotto, Ricardo Alvarenga  
ISBN 978-65-02-03183-4

1. Comunicação social 2. Cultura digital  
3. Dignidade humana 4. Inteligência artificial  
5. Mídia - Aspectos sociais 6. Polarização (Aspectos sociais) 7. Reflexões 8. Relações humanas I. Silva, Aline Amaro da. II. Alves, Claudenir Módolo. III. Gonçalves, Janáina. IV. Puntel, Joana T. V. Cunha, Magali. VI. Sbardelotto, Moisés. VII. Alvarenga, Ricardo.

26-349916.0


CDD-302.23

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Comunicação social : Sociologia 302.23

Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB -  
SP-010133/O

# Sumário

Clique nos temas para  
acessar o seu conteúdo 

Apresentação.....	05
Introdução.....	07
<b>1</b> Rosto e voz humana: princípios teológicos.....	10
<b>2</b> Comunicação e Unidade.....	13
<b>3</b> Ser ou fingir: simulação de relações e de realidade.....	16
<b>4</b> Quando a missão comunicativa pede autenticidade.....	19
<b>5</b> IA e discernimento: não renunciar ao pensamento crítico.....	23
<b>6</b> Orientar a inovação digital: o pilar da cooperação.....	26
<b>7</b> A educação como caminho para preservar vozes e rostos humanos no contexto da inovação digital.....	29
Sobre o Grecom/CNBB.....	36

**“Preservar  
Vozes  
e Rostos humanos”**



# Apresentação

## A voz e o rosto de uma comunicação encarnada

Vivemos um tempo em que as máquinas são treinadas para simular o afeto e os algoritmos tentam traduzir o mistério do encontro em meras sequências estatísticas. Ao substituir a alteridade – o encontro real com o outro – por simulações baseadas em dados, a tecnologia corre o risco de tratar o que é sagrado e irrepitível no ser humano como um produto anônimo e sem autoria.

Diante desse cenário, a partir da provocação da Mensagem do Papa Leão XIV para o 60º Dia Mundial das Comunicações Sociais, a Igreja no Brasil recebe um presente de profunda lucidez e humanidade: este subsídio gestado pelo Grupo de Reflexão sobre Comunicação (Grecom), vinculado à Comissão Episcopal para a Comunicação Social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (Cepac/CNBB). O material é um apelo profético e urgente ao discernimento constante, para que a aceleração tecnológica não silencie a nossa própria existência. A cultura digital é uma poderosa aliada no anúncio do Evangelho. Acolhemos suas imensas possibilidades, desde que orientadas pelo compromisso com o próximo e pelos valores do Reino.

Dirigimos nossa mais profunda gratidão a cada membro do Grecom. Agradecemos pelo empenho intelectual e pela dedicação humana em “estudar os processos comunicativos a partir da perspectiva cristã”. Com as vozes e os rostos de Aline, Claudenir, Janaína, Ir. Joana, Magali, Moisés e Ricardo, este grupo nos oferece pistas para navegar na cultura contemporânea com “coragem, determinação e discernimento”. Reconhecemos, com alegria, o valor de nos recordarem que, por trás de cada dado, pulsa uma vida única e irrepitível.

Estendemos o agradecimento ao Mateus, pela diagramação que deu forma e beleza a estas palavras, e ao Alex e Alessandro, que mergulharam na Mensagem do Papa para o 60º Dia Mundial das Comunicações Sociais, traduzindo o tema em uma identidade visual que preserva vozes e rostos humanos. De modo muito especial, agradecemos a sensibilidade artística em estampar nesta obra um rosto feminino negro, testemunhando que a imagem de Deus se encarna na diversidade de nossa gente. Essa escolha reafirma que a comunicação cristã deve, profeticamente, dar visibilidade a quem a história tantas vezes tentou silenciar – um gesto urgente diante das inúmeras violências sofridas pelas mulheres.



A cada comunicador e comunicadora – agentes da Pascom, Missionários Digitais, Padres em Missão Digital, Membros da Signis Brasil, Assessores e Assessoras de Comunicação de nossas Igrejas Particulares, Pastorais, Organismos e Movimentos Eclesiais, Vida Religiosa Consagrada e a todas as iniciativas e lideranças comunicacionais –, dirigimos este chamado fundamental: a comunicação na Igreja é, antes de tudo, um serviço à vida e à verdade.

Somos convocados a ser sinais proféticos de autenticidade em um mundo marcado por simulações e bolhas de fácil consenso e indignação, onde o pensamento crítico é enfraquecido e a possibilidade de escuta e diálogo é dizimada. Nossa missão transcende a busca por engajamento vazio ou o mero alimento de algoritmos que isolam. Fomos chamados para construir pontes de unidade que reflitam o “Cristo Total”, que nos conectem e nos comprometam a samaritanear com a “carne sofrida do Cristo” no rosto e na voz do povo e na vida ameaçada em nossa Casa Comum. Somente assim, reconhecendo o humano, a verdade do encontro e a integridade de toda a vida na Terra, seremos fiéis ao Evangelho na cultura digital.

Como nos recorda a teologia deste subsídio, a “Palavra se fez carne e habitou entre nós” com um rosto e uma voz concretos. Que a nossa comunicação pastoral seja sempre um eco dessa Encarnação: humana, ética, solidária, samaritana e profundamente comprometida com a cultura do encontro.

Nós – Dom Valdir, Dom Amilton, Dom Edilson, Osnilda e Padre Tiago, da Cepac/CNBB – expressamos nossa profunda gratidão pela dedicação de cada comunicador e comunicadora que faz pulsar a vida da Igreja em nosso Brasil. Que Nossa Senhora Aparecida, Mãe da Comunicação e da Esperança, proteja o caminhar de todos vocês, cobrindo com seu manto este trabalho para que ele frutifique em gestos de fraternidade e na verdadeira cultura do encontro.

Comissão Episcopal para a Comunicação Social  
Da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil



# Introdução

**E**m sua primeira reflexão pontifícia sobre comunicação, Leão XIV dedica sua mensagem ao 60º Dia Mundial das Comunicações Sociais – que se celebra no dia 17 de maio de 2026, festa litúrgica da Ascensão do Senhor – a um tema que é um verdadeiro apelo: “*Preservar vozes e rostos humanos*”.

Em um tempo em que os sistemas de inteligência artificial aprendem a falar como nós e a reproduzir expressões e sentimentos que até então pareciam exclusivamente humanos, a Igreja é convidada a se perguntar, com urgência e lucidez, o que significa, afinal, uma comunicação humanizada. Trata-se de um chamado que não se limita à necessária crítica do avanço tecnológico, mas que também convoca toda a Igreja a orientar a inovação digital a partir de critérios que brotam do Evangelho, capazes de promover a dignidade humana, o bem comum e a proteção da nossa casa comum.

Este subsídio, elaborado pelo Grupo de Reflexão sobre Comunicação (Grecom/CNBB), ligado à Comissão Episcopal para a Comunicação Social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, acolhe esse convite, a fim de contribuir com a reflexão da Igreja no Brasil. Com isso, o Grecom/CNBB responde a uma de suas atribuições, a saber, “estudar a comunicação e seus processos a partir da perspectiva cristã e compartilhar conhecimentos da área [...] com a Igreja no Brasil”.<sup>1</sup>

Os textos aqui reunidos buscam oferecer pistas de aprofundamento sobre a presença e a atuação da Igreja na cultura contemporânea, aceitando “com coragem, determinação e discernimento as oportunidades oferecidas pela tecnologia digital e pela inteligência artificial”, sem “esconder de nós mesmos os pontos críticos, a opacidade e os riscos”, como pede o pontífice. Quando tantas vozes são amplificadas e, ao mesmo tempo, tantas outras são silenciadas, cada agente de pastoral e cada liderança eclesial são convidados a renovar seu compromisso com uma comunicação que preserve o humano em sua profunda dignidade.

No mês de abril de 2026, os bispos referenciais para a comunicação dos 19 regionais da CNBB estarão reunidos em encontro nacional. Este subsídio também é oferecido, respeitosamente, a cada um deles e a todo o episcopado, como

---

1 CONFERÊNCIA Nacional dos Bispos do Brasil. *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*. Documentos da CNBB 99. Edição atualizada. Brasília: Edições CNBB, 2023, n. 321.



contribuição para um processo sinodal de escuta e discernimento sobre a comunicação da fé hoje. Cada vez mais, os pastores da Igreja são chamados a compreendê-la e a orientá-la, em meio às possibilidades e aos limites dos processos comunicacionais contemporâneos.

É nesse horizonte que se situam os textos que compõem este subsídio, redigidos pelos membros do Grecom/CNBB. Cada capítulo, a seu modo, aprofunda dimensões da mensagem papal, articulando reflexão teórica, análise crítica e perspectivas pastorais.

**Aline Amaro da Silva**, em *“Rosto e voz humana: princípios teológicos”*, oferece o fundamento antropológico-teológico que sustenta toda a reflexão do subsídio: criados à imagem de Deus (*imago Dei*), rosto e voz humanos são sagrados e insubstituíveis.

**Claudenir Módolo Alves**, em *“Comunicação e Unidade”*, examina como as mídias digitais potencializam fragmentações eclesiológicas já existentes e convida a Igreja a recuperar a comunicação como força de unidade e de comunhão.

**A Ir. Joana T. Puntel**, fsp, em *“Ser ou fingir: simulação de relações e de realidade”*, examina como os sistemas digitais exploram a necessidade humana de vínculo, construindo mundos de espelhos que alimentam o ego sem abrir para o encontro.

**Janaína Gonçalves**, em *“Quando a missão comunicativa pede autenticidade”*, mostra que a lógica do engajamento a qualquer custo pode invadir também os organismos pastorais e convoca a Pascom a ser sinal profético de autenticidade.





**Moisés Sbardelotto**, em *“IA e discernimento: não renunciar ao pensamento crítico”*, analisa como os algoritmos das grandes plataformas moldam percepções e concentram poder, propondo o discernimento como resposta responsável a esse cenário.

**Magali Cunha**, em *“Orientar a inovação digital: o pilar da cooperação”*, demonstra que ninguém pode, sozinho, garantir que as tecnologias digitais sirvam ao bem comum e que a cooperação é a única resposta à altura do desafio.

**Ricardo Alvarenga**, em *“A educação como caminho para preservar vozes e rostos humanos no contexto da inovação digital”*, argumenta que educar, hoje, não significa adaptar-se às ferramentas digitais, mas formar pessoas capazes de discernimento.

Este conjunto de reflexões não pretende oferecer respostas prontas, mas sim provocar perguntas abertas, a fim de suscitar o diálogo e o debate, em prol de práticas pastorais conscientes do contexto digital e coerentes com o Evangelho. Esperamos que a leitura destes textos possa favorecer uma ação eclesial ainda mais comprometida com a construção de uma cultura do encontro em que cada voz seja verdadeiramente escutada e em que cada rosto seja verdadeiramente reconhecido em sua dignidade.

*Moisés Sbardelotto*  
Coordenador do Grecom/CNBB



## 1

# Rosto e voz humana: princípios teológicos

*Aline Amaro da Silva*



**P**reservar rostos e vozes humanas é o apelo central da mensagem do Papa Leão XIV para o Dia Mundial das Comunicações de 2026. Este imperativo está ligado ao cerne da Antropologia Teológica: a dignidade e valor inestimável de tudo o que é humano, de tudo o que nos faz humanos.

*“Rosto e voz são sagrados. Foram-nos dados por Deus, que nos criou à sua imagem e semelhança, chamando-nos à vida com a Palavra que Ele mesmo nos dirigiu.”* A sacralidade de nosso rosto e voz consiste no fato de que eles expressam a identidade única de cada ser humano. Além disso, a fé cristã ensina que somos imagem de Deus (*imago Dei*), isto é, temos traços divinos em nossa face, em nossa forma de olhar, expressar sentimentos e acolher as pessoas. Através de nosso semblante, podemos transmitir a ternura de Deus.

**Muitas vezes não damos a devida importância à nossa voz. A Palavra de Deus chegou até nós por meio das vozes de muitos profetas e discípulos que fizeram ecoar seu testemunho de geração em geração.**

*“Uma Palavra que, ao longo dos séculos, ressoou na voz dos profetas e depois, na plenitude dos tempos, fez-se carne. Esta Palavra – esta comunicação que Deus faz de si mesmo – pudemos ainda escutá-la e vê-la diretamente (cf. 1 Jo 1, 1-3), porque se deixou conhecer na voz e no Rosto de Jesus, Filho de Deus.”*



Não são apenas as palavras que usamos na comunicação que importam, mas como as falamos. Nosso tom de voz pode acalentar ou agredir, cativar ou afastar alguém. *“Preservar os rostos e as vozes humanas significa, portanto, preservar este selo, este reflexo indelével do amor de Deus.”*

A mensagem para o Dia Mundial das Comunicações nos faz questionar: o que está em jogo para a humanidade quando a inteligência artificial consegue simular rosto e voz humana? Faz-nos indagar: o que nos caracteriza como humanos? Recorda-nos da pergunta do Salmo 8,5 – o que é o ser humano, para dele lembrares? – e exige que atualizemos as questões – o que é ser humano na era digital? O que significa ser feito à imagem de Deus numa era de automação cognitiva e pós-humanismo?

Facilmente caímos na armadilha da distração e da dependência digital. O uso de inteligência artificial generativa trouxe benefícios como agilidade na execução de tarefas e facilidade na análise de dados. No entanto, assim como outros recursos e ambientes digitais, o uso problemático intenso pode estar ligado a alterações em circuitos que sustentam o funcionamento socioemocional.

As principais características que nos tornam humanos são nossa capacidade e necessidade de se relacionar com outras pessoas e nossa habilidade de raciocinar, (re)conhecer, aprender e criar. Justamente esses são os pontos mais afetados pelas tecnologias de informação e comunicação (TICs). Ao mesmo tempo que aumentaram nossas conexões, nossas relações se tornaram mais superficiais. Paradoxalmente, a Geração Z que é a mais conectada da história, é a que mais sofre de solidão. Isso ocorre porque a experiência humana mais profunda não pode acontecer por meio de abstrações ou simulações, mas precisa de tato, de rostos e vozes reais.

Esse é o risco apontado pelo papa na mensagem: que os sistemas de IA simulem empatia, amizade, sabedoria e intimidade, criando a possibilidade de acostumar o ser humano a vínculos sem alteridade real, sem reciprocidade verdadeira e sem responsabilidade moral. Vemos notícias, por exemplo, sobre casamento entre pessoas e parceiros feitos por IA<sup>2</sup>, que mostram que isso não é apenas um receio passageiro, mas cresce o número de casos de pessoas que estão substituindo relações humanas por relações com sistemas treinados para se adequarem aos nossos desejos e carências.

---

2 Confira a notícia em: <https://www.reuters.com/investigates/special-report/japan-ai-wedding/>.



Sob o ponto de vista teológico, essa situação é grave porque a pessoa humana só amadurece e se (re)conhece na relação com o outro, e na relação com Deus. O ser humano foi criado como sujeito irrepitível, mas não como indivíduo isolado. Ele foi gerado para a comunhão, não para o espelhamento narcísico. Uma máquina pode oferecer sensação de acolhimento, mas não possui interioridade espiritual, consciência moral e nem capacidade de amar. Pode imitar sinais externos de relação, mas não pode proporcionar comunhão autêntica. Por isso, preservar o rosto e a voz humana é também resistir à tentação de coisificar o outro.

O conceito de Imago Dei ajuda a (re)pensar as TICs, a fim de que sua utilização realmente beneficie a vida humana. O desafio não é impedir a inovação, mas orientá-la com responsabilidade. A tecnologia deve ser discernida teologicamente, para que permaneça a serviço do bem comum. Parafraseando o Papa Francisco (EG 86; 97): não deixemos que nos roubem nossa humanidade!



### Para inspirar a ação



1. Valorize cada pessoa como imagem viva de Deus: toda comunicação começa no reconhecimento do outro como sagrado.
2. Não reduza ninguém a um perfil ou mero dado: por trás de cada mensagem, há uma vida única e irrepitível.
3. Cultive relações e experiências integrais: nenhuma tecnologia substitui o encontro humano autêntico.
4. Use as mídias digitais para humanizar, não para ignorar ou excluir.
5. Preserve sua voz e seu rosto como expressão da verdade, da fé e do amor.



## 2

# Comunicação e **Unidade**

Claudenir Módolo Alves 

**P**ara a sociedade e o homem contemporâneo ocidental, a liberdade individual é um valor consolidado. Uma das formas de expressar a liberdade é via os meios de comunicação, principalmente com a internet que possibilita que cada indivíduo possa expor seu ponto de vista. Com o uso das redes sociais e a infraestrutura dos dispositivos tecnológicos como a “inteligência artificial”, a produção de informações torna-se massiva e sem limites.

A Igreja não está blindada ao processo do tempo histórico e vê-se afetada por posições eclesiológicas internas e externas. São posições de visões de mundo e de Igreja que se consolidam em “dogmas”. Essas visões produzem um ambiente eclesiológico de divisão e rupturas. O tempo contemporâneo e suas subjetividades comportam modelos de Igrejas, contudo o problema é que o acirramento entre esses modelos coloca em xeque a unidade da Igreja. Esse é o ponto. Agrava-se a situação dado os novos recursos tecnológicos digitais que podem mobilizar as pessoas em rede, independentemente das autoridades tradicionais, aqui principalmente a dos bispos.

A unidade na Igreja é um tema que está na origem do próprio cristianismo. Perpassa toda a história da Igreja dos tempos primitivos até o tempo contemporâneo e tem encontrado nos Concílios, sínodos, conclaves e outros os mecanismos para em momentos históricos, pastorais e teológicos, solucionar conflitos. Recordemos aqui da Igreja Primitiva a teologia paulina do *Christus Totus*. Onde “a multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma” (Atos 4,32). Isso era possível porque Cristo era a cabeça deste corpo. Um outro momento crucial da história da Igreja, foi a divisão da Igreja por doutrina promovida por Pelagianos e Arianos, onde fez-se necessário o Concílio de Nicéia para solucionar os conflitos em 325 d.C.



Parece-nos que a eleição de Leão XIV tem como propósito o trabalho de unir a Igreja, assim estabelece o seu lema “*in illo uno, unum*”. Esse é inicialmente o eixo central do início de seu pontificado.

---

Esse amor e essa unidade com a Igreja – eixos centrais da espiritualidade de Agostinho – também se manifestam de modo claro na primeira homilia do Papa Leão XIV. Nela, ele cita o próprio Agostinho: “A Igreja é composta de todos aqueles que estão em concórdia com os irmãos e que amam o próximo”. Em seguida exprime seu desejo mais profundo: “Isso, irmãos e irmãs, gostaria que fosse nosso primeiro grande desejo: uma Igreja unida, sinal de unidade e de comunhão, que se torne fermento para um mundo reconciliado”.<sup>3</sup>

---

O trabalho de produzir a unidade na Igreja é árduo. Primeiramente o trabalho é interno. As divisões na Igreja são visíveis e estendem-se de alto a baixo, pois a divisão faz-se desde as comunidades, sejam estas pertencentes às áreas rurais ou as aglomerações urbanas. Afeta o clero, o episcopado, comunidades religiosas consagradas. A hierarquia da Igreja vê-se enredada a tomar posições. A pauta da divisão na Igreja perpassa várias áreas catequese, liturgia, moral, direito canônico, estudos bíblicos etc.

O problema da unidade na Igreja no tempo contemporâneo passa sim pela questão da comunicação. A comunicação aqui entendida como desde um alinhamento técnico, imagético, mas acima de tudo a comunicação que produz um ambiente de visão comum. A comunicação que produz o caminhar juntos, o estar juntos, pertencimento, em uma palavra Unidade. As divisões da Igreja hoje são potencializadas pelo uso dos meios de comunicação, onde desde as comunidades mais remotas são conectadas e tendem a visões da experiência cristã padronizada pelos novos subjetivismos, lideradas por figuras particulares como os influenciadores etc.

O tempo contemporâneo não restringe a propagação do cristianismo, não há restrições às religiões, em tese, para propagar-se junto aos indivíduos. O problema é outro. Constitui-se dentro do cristianismo, e aqui o catolicismo, corren-

---

3 ROCHA, S. Mário; JULIÃO, Fabiano. *Papa Leão XIV, Santo Agostinho e a ordem agostiniana*. Aparecida: Santuário, 2026, p. 97-98.



tes, fragmentações, representações do cristianismo em curso e potencializado pelos meios atuais de comunicação que coloca em risco a unidade da Igreja.

Reconhece-se que as vivências da experiência cristã, dado o molde da subjetividade contemporânea, desce ao terreno dos afetos, das percepções, das vivências particulares. Contudo, perde-se o universal, a visão da totalidade, aquilo que nos une. Assim, esse seria o primeiro desafio promover a unidade da Igreja em seu âmbito interno. Não se esquecendo da unidade entre as igrejas cristãs e a promoção da unidade entre as religiões, tendo por consequência uma possível unidade entre os povos. Esse caminho da unidade requer um reconhecimento das fontes primárias, daquilo que se comunica em essência e em categorias universais: o Cristo total (1Cor 12,7).

### Para inspirar a ação

1. **Comunique para unir, não para dividir: nem todo engajamento vale a unidade da Igreja.**
2. **Evite polarizações: busque sempre o que aproxima, e não o que afasta.**
3. **Promova o diálogo respeitoso a partir das diferenças: a unidade não é uniformidade.**
4. **Fortaleça a unidade eclesial também no ambiente digital: nem todo “influenciador católico” fala em nome da Igreja.**
5. **Seja ponte: a comunicação cristã é sempre caminho de encontro.**



3

# Ser ou fingir: simulação de relações e de realidade

Ir. Joana T. Puntel, fsp

**N**as diversas e significativas abordagens que o Papa Leão XIV oferece para a reflexão, na 60ª Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações (2026), encontra-se o item “*Ser ou fingir: simulação de relações e da realidade*”.

Acompanhando a história, sobretudo a evolução das transformações que se sucedem velozmente na época atual, com especial destaque na cultura digital, a conversa versava sobre a *pós-verdade*. Hoje, quase não se fala em *pós-verdade*, pois como falar em *pós* se até a verdade *parece não existir*? Deu lugar à simulação, especialmente no campo das relações.

A mensagem, então, intitulada “*Preservar vozes e rostos humanos*”, chama a atenção para verificarmos como agimos. Somos seres humanos ou fingimos sê-lo? “Torna-se cada vez mais difícil compreender se estamos interagindo com outros seres humanos ou com *bots* ou influenciadores digitais”.

A simulação dos *chatbots* é “quase perfeita” e eficaz num mecanismo de “persuasão oculta”, fazendo uma “otimização contínua” de interação personalizada. Impressiona o fato de que esses modelos são capazes de imitar os senti-



mentos humanos, tornando os *chatbots* “excessivamente afetuosos” e sempre disponíveis (você pode pedir conselho a qualquer hora!). Assim, são eles que constroem os estados emocionais e ocupam “a esfera da intimidade das pessoas”.

Esta é uma modalidade de como a tecnologia explora a necessidade de relações da pessoa humana e, sem dúvida, acaba prejudicando o “tecido social, cultural e político” da sociedade, pois vai formando nossa maneira de pensar, de perceber a realidade e, sobretudo, de viver não nós mesmos, com nossa identidade humana à imagem e semelhança de Deus que nos criou. A mensagem é clara em advertir que essa modalidade substitui as relações humanas pelas relações com a IA “treinada para catalogar nossos pensamentos e, portanto, construir à nossa volta um mundo de espelhos, onde tudo é feito ‘à nossa imagem e semelhança’”. Somos o grande ego que vive o símbolo de nós mesmos (mas não a nossa identidade de seres humanos); vivemos o que corresponde e alimenta a nossa imaginação, alimentada por modos de pensar que multiplicam estereótipos e preconceitos. Infelizmente, levam-nos longe de aceitar a alteridade e roubam os possíveis encontros com os outros (humanos).

*“A simulação dos chatbots é ‘quase perfeita’ e eficaz num mecanismo de ‘persuasão oculta’, fazendo uma ‘otimização contínua’ de interação personalizada”*

Entretanto, é importante lembrar que as relações humanas são parte essencial do ser humano. E que este é, por natureza, um ser relacional, seja do ponto de vista antropológico quanto teológico. Já dizia o filósofo Aristóteles que o ser humano é um ser que vive em comunidade e que a vida humana encontra sentido na convivência com os outros. Do ponto de vista antropológico, a identidade humana se forma no encontro com o outro, aí se aprende a linguagem, os valores e cultura nas relações; também o desenvolvimento emocional depende do vínculo com outras pessoas. Mas é na teologia cristã que a dimensão do ser humano tem fundamento no próprio Deus.

O ser humano foi criado à imagem de Deus, e Deus é comunhão. O mistério da Santíssima Trindade revela um Deus que é relação de amor entre Pai, Filho e Espírito Santo.



O Papa Leão XIV afirma que o risco é grande, pois o poder de simulação é tal que a IA, na construção dos algoritmos, pode moldar e impor modos de pensar, multiplicando estereótipos, muitas vezes preconceitos, mediante a apresentação inadequada do social, e que tende, então, a nos manter presos em redes de manipulação mediante a ilusão de realidades onde a simulação se serve dos nossos rostos e das nossas vozes. Daí a necessidade de verificar as fontes das informações.

Como enfatiza a mensagem, o desafio não é o de impedir a inovação digital, mas, sim, orientá-la, estando conscientes do seu caráter ambivalente. “Cabe a cada um de nós levantar a voz em defesa das pessoas, para que estas ferramentas realmente possam ser integradas por nós, como aliadas”. Para isso, construir uma aliança, baseada nos pilares da responsabilidade, da cooperação e da educação.



### Para inspirar a ação



1. Prefira a autenticidade à aparência: nem tudo que parece real é verdadeiro.
2. Questione conteúdos antes de compartilhá-los: nem toda interação é humana.
3. Não substitua relações humanas por vínculos artificiais: só outra pessoa pode romper o espelho do ego.
4. Cultive o encontro verdadeiro: ele exige tempo, presença e abertura ao outro.
5. Use a tecnologia com consciência, sem perder sua identidade e liberdade.



## 4

# Quando a missão comunicativa pede autenticidade

*Janaína Gonçalves*

**A** verdadeira experiência da comunicação humana nasce do encontro, mas sua trajetória é construída na presença do outro, principalmente quando reconhecemos sua dignidade, quando paramos para “escutar com o ouvido do coração”, como disse Papa Francisco na mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2022. Porém, a comunicação contemporânea, fortemente marcada pela crescente presença das tecnologias digitais e, é claro, pelas inúmeras plataformas de Inteligência Artificial, implica à sociedade um desafio urgente: discernir entre aquilo que é autêntico e aquilo que é apenas simulação.

A produção e a circulação de conteúdos se tornaram muito rápidas, o alcance é amplo e, em muitas situações, essa circulação é totalmente desprovida de critérios éticos necessários à comunicação. É muito fácil criar imagens, vídeos, textos e áudios diante das ferramentas tecnológicas sofisticadas que existem nos dias atuais, o que torna a criatividade um caminho promissor para a evangelização na Igreja Católica. Ao mesmo tempo, esse mesmo celeiro tecnológico pode favorecer processos de manipulação, distorção e tornar artificial a própria realidade. Nesse aspecto, a comunicação corre o sério risco de se afastar de sua principal vocação: ser mediadora de uma relação profundamente humana.

Sobre este ponto, o Papa Leão XIV faz um alerta para um perigo crescente: a partir do momento em que a tecnologia passa a explorar a necessidade humana do relacionamento, ela é capaz de gerar consequências muito dolorosas para os indivíduos e tende a enfraquecer a relação social e cultural das sociedades.



Isso acontece principalmente quando as relações humanas são substituídas por interações mediadas por Inteligência Artificial que, na verdade, segue um padrão comandado por nós, seres humanos, ou seja, elas reproduzem, classificam e refletem aquilo que estamos pensando ou sentindo. Esse fenômeno da comunicação digital contemporânea leva cada pessoa a encontrar várias versões de si mesma, se mantendo distante de uma possível realidade dialogal em forma de encontro e de presença. Esse tipo de presença no digital não deixa de ser legítima, já não podemos separar o real do virtual, mas há diferenças significativas quando temos a oportunidade de estarmos juntos presencialmente e não apenas por meio de telas.

*A missão comunicativa da Igreja não se reduz à produção de conteúdos ou somente à presença em redes sociais. É uma tarefa, antes de tudo, que privilegia uma comunicação autêntica, verdadeira, humana e profundamente conectada com o Evangelho*

A simulação, aqui mencionada, pode se manifestar de diversas maneiras. Inclusive, nas atuações por meio da comunicação pastoral também vemos essa realidade. A simulação inicia quando conteúdos são produzidos em função de um único pensamento: engajar. Essa lógica surge quando a aparência se sobrepõe à profundidade, quando a performance passa a substituir o testemunho e, ainda, quando a busca por visibilidade se torna mais importante do que ser fiel ao que é real. Já percebeu como se tornou fácil criar narrativas artificiais? Como ficou fácil editar um vídeo excluindo falas reais e criar representações que parecem verdadeiras, distorcendo a realidade? O problema não é a tecnologia, pelo contrário, esses mecanismos ajudam muito a comunicação em diversas situações. O que compromete o resultado nesse processo é a forma como as plataformas de Inteligência Artificial podem ser utilizadas. Quando são orientadas por princípios éticos e pelo compromisso com o bem comum, não há o que temer, essas mesmas plataformas podem colaborar para aproximar as pessoas e fortalecer o vínculo social.

Quando trazemos toda essa discussão para os organismos de comunicação da Igreja Católica, exige de nós uma postura ainda mais consciente e responsá-



vel. Aqui é possível destacar fortemente um dos organismos que mais acessam as Igrejas em suas bases, que é a Pascom (Pastoral da Comunicação), a pastoral das pastorais. A missão comunicativa da Igreja não se reduz à produção de conteúdos ou somente à presença em redes sociais. É uma tarefa, antes de tudo, que privilegia uma comunicação autêntica, verdadeira, humana e profundamente conectada com o Evangelho. A autenticidade se torna um sinal profético quando se está em um ambiente marcado pela simulação, é assumir a realidade com suas complexidades e com seus desafios, é evitar simplificações que são capazes de empobrecer o debate público ou até narrativas que manipulam emoções. Praticar uma comunicação autêntica é, também, ter a certeza de que a comunicação não se resume em transmissão de informações, mas é favorecer a construção de sentido e de relações.

Com esse olhar cuidadoso para a comunicação, do qual é proposto nesta reflexão, é necessário ressaltar que preservar vozes e rostos humanos se torna uma tarefa fundamental, principalmente por estarmos dialogando em nome de uma instituição religiosa. A comunicação eclesial é chamada a valorizar histórias que são reais, experiências concretas de fé, dar espaço aos testemunhos de vida e aos processos comunitários. No lugar de conteúdos que apenas reproduzem tendências ou algoritmos, a Igreja deve prezar por uma comunicação no ambiente digital que possa nascer da escuta das pessoas, sobretudo daquelas que, muitas vezes, permanecem invisíveis nos grandes fluxos dos processos informativos, daqueles que estão à margem da sociedade, que não são ouvidos e nem vistos, que não geram curtidas porque não são “memes que viralizam”, daqueles que são silenciados para que a sociedade não seja incomodada.

A comunicação cristã nasce da encarnação, pois é quando Deus se faz próximo, Ele assume um rosto, Ele se humaniza, vive uma história e uma presença concreta no meio da humanidade na pessoa de Jesus. Por isso, a prática comunicativa que nos inspira por meio do Evangelho tem que preservar a dimensão profundamente humana, pois comunicar na Igreja diz sobre a construção de uma cultura do encontro. Em uma sociedade onde, no ambiente digital, simular se torna cada vez mais fácil, é preciso reafirmar com precisão o valor da presença, da escuta, do diálogo, do acolhimento, da diversidade, da sinodalidade. Em tempos de tantas possibilidades criadas para simular e distorcer a realidade, comunicar preservando aquilo que nos torna autênticos se torna, também, uma forma concreta de evangelizar.



## Para inspirar a ação

1. Comunique com verdade: o Evangelho não precisa de artifícios para convencer.
2. Priorize o testemunho sobre a performance.
3. Escute antes de falar: a comunicação nasce do encontro.
4. Evite a lógica do engajamento vazio: nem tudo o que viraliza evangeliza.
5. Dê voz às periferias geográficas, existenciais e sociais: comunicar é também incluir quem não é visto nem ouvido.



5

# IA e discernimento: não renunciar ao pensamento crítico

*Moisés Sbardelotto*

O desafio que os sistemas de IA apresentam não é apenas tecnológico, mas sobretudo antropológico. Como recorda o Papa Leão XIV em sua mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2026, a IA não interfere apenas nos fluxos de informação, mas também em níveis profundos da comunicação humana, pondo em xeque o que entendemos por conhecimento, consciência e responsabilidade.

Uma das problemáticas mais complexas da IA está na invisibilidade dos processos que moldam aquilo que vemos, ouvimos, lemos e compartilhamos em rede. Como lembra o papa, “os algoritmos concebidos para maximizar o envolvimento nas redes sociais – rentável para as plataformas – recompensam as emoções rápidas”. Muitos desses sistemas são construídos para captar dados pessoais por meio de um engajamento imediato e intenso, enfraquecendo a capacidade de escuta e o pensamento crítico, o que muitas vezes leva à agressividade social. Quem sai ganhando com tudo isso é o oligopólio de megaempresas do setor digital, que maximizam seus lucros a partir da coleta e do processamento dessa massiva produção de informações com a qual contribuimos ao usar tais sistemas.

Daí a preocupação papal com a proliferação de conteúdos meramente “powered by AI”, transformando as pessoas em “meros consumidores passivos de pensamentos não pensados, de produtos anônimos, sem autoria nem amor”. Há várias camadas de um mesmo empobrecimento: sem autoria, ninguém co-



-*responde* por aquele conteúdo; sem amor, nenhum afeto orienta a escolha das palavras, nenhum cuidado molda a argumentação; com “pensamentos não pensados”, não é possível uma reflexão consciente e crítica. E Leão XIV alerta para o fato de muitas vezes nos contentarmos com essa “compilação estatística artificial”, cedendo às máquinas as nossas funções mentais e a nossa imaginação. No dia a dia, esse gesto pode nos parecer uma simples economia de tempo e esforço. No entanto, diversas pesquisas já apontam consequências preocupantes sobre nossas capacidades cognitivas, naquilo que vem sendo chamado de “*inteligência artificial degenerativa*”...

O risco, portanto, é “esconder o nosso rosto e silenciar a nossa voz”. Ou seja, alimentar uma “confiança ingenuamente acrítica na inteligência artificial como ‘amiga’ onisciente, dispensadora de todas as informações, arquivo de todas as memórias, ‘oráculo’ de todos os conselhos”.

Esses papéis, indevidamente atribuídos à IA, foram historicamente reservados pela tradição bíblico-teológica principalmente à mediação divina: a onisciência (*dispensadora de todas as informações*), a memória total (*arquivo de todas as memórias*) e a sabedoria plena (*oráculo de todos os conselhos*). O que o papa critica é precisamente a *transferência de expectativas sagradas* para um sistema que não pode, por definição, sustentá-las. Porque a IA não compreende, não recorda com afeto, não aconselha a partir de uma experiência vivida. Ela apenas otimiza padrões, armazenando e processando dados.

Ao mesmo tempo, Leão XIV convida a aceitar com coragem as oportunidades oferecidas pela IA. Mas também, e principalmente, com *discernimento*. “O desafio que nos espera – afirma o papa – não é impedir a inovação digital, mas orientá-la, conscientes de seu caráter ambivalente.” Para isso, princípios éticos como transparência, verdade e respeito à dignidade humana e ao bem comum são fundamentais. A IA pode estar a nosso serviço, mas não deve manipular emoções, fabricar desinformação ou se sobrepor à nossa liberdade de consciência.

Nesse cenário, instituições como a Igreja têm um papel decisivo nos rumos do desenvolvimento tecnológico, especialmente em suas ações formativas



e educacionais. Ninguém pode enfrentar sozinho o desafio de orientar a inovação digital, reitera o papa, apontando para a importância da cooperação. E a própria comunidade católica tem um papel crucial para que as pessoas adquiram pensamento crítico e cresçam na liberdade de espírito.

A questão crucial, afirma o Papa Leão XIV, não é o que a máquina consegue ou conseguirá fazer, mas sim o que nós *podemos fazer*, crescendo em humanidade. Nesse sentido, torna-se necessário pensar e praticar um *humanismo digital integral*, que não seja uma mera volta ao humanismo clássico nem a seu consequente antropocentrismo, mas sim a superação da concepção autocentrada do ser humano a fim de compreendê-lo a partir de suas diversas inter-relações – e não apesar delas –, inclusive com a tecnologia.

O humanismo digital integral é um pensar-sentir-agir ético em tempos de cultura digital, orientado pela importância das relações interpessoais, da dignidade humana e do bem comum. Na prática, trata-se de não aceitar nem fomentar ações e ambientes digitais concebidos para explorar as fraquezas e a maldade humanas, e, pelo contrário, formar pessoas para uma “cidadania digital consciente e responsável”, como pede o papa, desde a pesquisa até o uso desses sistemas. No fundo, o futuro da IA depende, em grande parte, da nossa capacidade de manter vivos o pensamento crítico, a arte da criatividade, o exercício do discernimento e a missão de uma educação libertadora.



### Para inspirar a ação



1. Use a inteligência artificial com discernimento, não com dependência.
2. Não terceirize seu pensamento: pensar criticamente é um ato de responsabilidade.
3. Pergunte sempre: quem produz, para quê e com quais interesses?
4. Valorize a criatividade, o afeto e o discernimento: são irredutivelmente humanos e precisam ser cultivados.
5. Escolha conscientemente o que você consome e produz: reflexão, oração, leitura são exercícios de resistência necessários à pressa digital.



## 6

# Orientar a inovação digital: o pilar da cooperação

Magali Cunha



A mensagem do Papa Leão XIV para o Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2026 chega em um momento de intensa transformação. O avanço acelerado da inteligência artificial e das tecnologias digitais não é apenas uma questão técnica ou econômica; é, antes de tudo, uma questão ética, política e profundamente humana. Ao afirmar que “todos somos chamados a cooperar”, a mensagem recoloca no centro do debate um valor que as lógicas individualistas de mercado frequentemente descartam: a responsabilidade compartilhada.

Vivemos um contexto marcado por fragmentação. As mídias digitais, ao mesmo tempo em que prometem conexão, têm sido engrenagens poderosas de divisão, desinformação e exclusão. Os algoritmos que orientam o que assistimos, o que lemos, o que consumimos como informação são, em grande medida, desenhados para garantir engajamento – o bem comum e a garantia de direitos humanos, econômicos, culturais, ambientais e sexuais não são o foco desse projeto de comunicação.

Nesse contexto, identificado como a era do tecnopoder, do império das *big techs*, o chamado do Papa à cooperação é um diagnóstico preciso de que o modelo atual de governança digital tem falhas estruturais. Nenhum ator isolado, seja uma empresa de tecnologia, um governo, uma organização da sociedade civil, tem, sozinho, a capacidade ou a legitimidade para dar conta dos desafios que a inovação digital e a inteligência artificial colocam à humanidade.

A mensagem papal identifica precisamente os diferentes atores que precisam estar envolvidos nesse processo: a indústria tecnológica, os legisladores, as empresas de criação, o mundo acadêmico, artistas, jornalistas e educadores. Essa enumeração significa muito. Ela reconhece que a inovação digital é um fenômeno



que diz respeito a todas as esferas da vida social e que, portanto, sua governança não pode ser monopolizada por nenhuma delas. Cada um desses agentes possui um olhar sobre o fenômeno do digital e é justamente a pluralidade de olhares que pode construir uma governança que responda aos riscos a que os seres que habitam a *oikoumene*, nossa casa comum, são expostos.

O conceito de “cidadania digital consciente e responsável”, exposto na mensagem, merece atenção especial. Cidadania, em qualquer de suas dimensões, pressupõe sujeitos capazes de agir no mundo, de reconhecer seus direitos e deveres, de participar das decisões que afetam suas vidas. No espaço digital, isso exige muito mais do que saber usar um *smartphone* ou criar um perfil em uma mídia social. Exige compreender como os dados pessoais são coletados e monetizados; como os algoritmos de recomendação moldam percepções de realidade e criam bolhas e isolamentos; como as *deepfakes* e outras formas de manipulação inventadas podem ser usadas para destruir reputações, distorcer processos eleitorais, interferir em pautas de interesse público e semear ódio. Formar cidadania digital não é tarefa de um único agente, por isso a cooperação entre educadores, jornalistas, artistas e pesquisadores é uma exigência deste tempo e uma urgência.

A referência à necessidade de “mecanismos de salvaguarda” aponta para uma dimensão institucional imprescindível. A boa vontade dos indivíduos não é suficiente quando as estruturas que organizam o ecossistema digital estão desenhadas para explorar o engajamento das pessoas em benefício de poucos. É preciso regulação, transparência algorítmica, proteção de dados, responsabilização das plataformas, financiamento público à pesquisa independente e à educação midiática.

Esses mecanismos não emergem espontaneamente das empresas envolvidas no mercado digital; precisam ser construídos democraticamente, com a participação de múltiplos agentes. E aqui o chamado papal se encontra com debates que estão no coração das disputas sobre soberania digital no mundo todo, como os processos regulatórios que vêm sendo discutidos na União Europeia, nas Nações Unidas e em diferentes governos nacionais, como tem ocorrido no Brasil.

Para as igrejas e as organizações religiosas, esse chamado à cooperação tem um significado importante. Historicamente, as instituições religiosas foram espaços de formação ética, de construção de vínculos comunitários, de transmissão de valores que resistem à lógica do descartável. No contexto digital, esse papel pode e deve ser recriado. A dimensão pastoral da comunicação nesse con-



texto não é apenas uma questão de presença nas redes, mas também de formação crítica, de promoção de uma cultura do diálogo, de resistência às lógicas que usam o ser humano para interesses de poucos.

Os comunicadores religiosos têm a responsabilidade e a oportunidade de ser pontes entre o discurso técnico sobre inteligência artificial e as comunidades que ainda estão tentando entender o que essa tecnologia significa para suas vidas concretas. Precisam também assumir o papel profético de denunciar o que torna indigna a comunicação digital, em especial quando ela se baseia na mentira e no ódio.

A mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais de 2026 chega num momento de descrença na cooperação. Porém, este chamado é também um ato de resistência ao imperialismo tecnológico regado a determinismo – a ideia de que o futuro digital já está escrito e que nada podemos fazer para alterá-lo. Não está. O futuro é sempre resultado de decisões e encaminhamentos individuais, coletivos, institucionais. E decisões e encaminhamentos exigem responsabilidade compartilhada.

### Para inspirar a ação

1. Coopere com outras pessoas, grupos e iniciativas: ninguém enfrenta sozinho os desafios do mundo digital.
2. Promova uma cultura de corresponsabilidade no uso das tecnologias: cobre dos governantes e das plataformas uma maior transparência e responsabilidade.
3. Forme cidadãos digitais conscientes em sua comunidade: conhecer direitos no ambiente digital é parte da missão de construir o bem comum.
4. Participe ativamente da cidadania digital: denuncie, profeticamente, estruturas digitais que excluem, manipulam ou silenciam os mais pobres.
5. Transforme a comunicação em espaço de colaboração, não de competição.



# 7

## A educação como caminho para preservar vozes e rostos humanos no contexto da inovação digital

*Ricardo Alvarenga*



**N**a tríade proposta pelo Papa Leão XIV, em sua mensagem para o 60º Dia Mundial das Comunicações Sociais, para orientar a inovação digital, composta por responsabilidade, cooperação e educação, o pilar da educação ocupa um lugar decisivo. Isso porque educar, neste contexto, não significa apenas ensinar a utilizar ferramentas, acompanhar tendências tecnológicas ou adaptar-se a novas linguagens. Significa, antes de tudo, formar pessoas capazes de discernimento, pensamento crítico e liberdade interior, para que a presença cada vez mais intensa do digital na vida cotidiana não obscureça aquilo que há de mais essencial na comunicação humana: a dignidade da pessoa, a verdade do encontro e o valor irrepetível de cada voz e de cada rosto.

Na mensagem para o 60º Dia Mundial das Comunicações Sociais, Leão XIV afirma que “como católicos, podemos e devemos dar o nosso contributo, para que as pessoas, especialmente os jovens, adquiram a capacidade de pensamento crítico e cresçam na liberdade do espírito”. Essa indicação oferece uma chave profunda para pensar a missão educativa da Igreja em um tempo marcado por rápidas transformações tecnológicas. A educação, nesse horizonte, não é um as-



pecto periférico, mas um caminho indispensável para que a inovação digital seja orientada de modo verdadeiramente humano.

Essa urgência torna-se ainda mais evidente quando reconhecemos que a inovação digital já não está fora da vida social. Ela atravessa as formas de informar e ser informado, de aprender e ensinar, de conviver, de trabalhar, de participar da vida pública e de vivenciar a fé. As tecnologias digitais influenciam a atenção, interferem nos vínculos, moldam sensibilidades e participam da formação das consciências. Por isso, a educação requerida pela Igreja neste tempo não pode ser reduzida a treinamento técnico. É necessária uma formação humana, ética e espiritual, capaz de ler criticamente a presença do digital na sociedade e de orientar seus usos à luz do bem comum.

*“Como católicos, podemos e devemos dar o nosso contributo, para que as pessoas, especialmente os jovens, adquiram a capacidade de pensamento crítico e cresçam na liberdade do espírito”*

O desafio, portanto, não consiste apenas em saber usar tecnologias, mas em compreender como elas reconfiguram hábitos, relações, linguagens e modos de ver e viver no mundo. Em um ambiente marcado pela rapidez, pela conectividade permanente e pela circulação incessante de conteúdos, cresce também o risco da superficialidade, da manipulação, da exclusão e do enfraquecimento do encontro humano. Por isso, orientar a inovação digital é também proteger a pessoa contra tudo aquilo que a reduz à lógica da performance, do consumo e da visibilidade sem rosto.

## Pensamento crítico como prática de liberdade

Nessa perspectiva, parece importante recuperar as contribuições de bell hooks (2020), que, ao refletir sobre o pensamento crítico, apresenta uma chave de leitura necessária, na qual o ato de educar não é entendido como conformação de sujeitos à passividade, mas como um despertar neles da coragem de perguntar, interpretar e recusar aquilo que se apresenta como inevitável. Em sua



perspectiva, o pensamento crítico não é apenas exercício intelectual: é prática de liberdade. Sua pedagogia engajada recorda que a educação deve recuperar a vontade de pensar, estimulando a capacidade de questionar estruturas, perceber silenciamentos e reconhecer formas de dominação que atravessam a vida social.

Essa compreensão é muito importante para o debate sobre a inovação digital. Diante de um ambiente marcado por automatizações, excesso de informação, fluxos incessantes e estímulos rápidos, pensar criticamente tornou-se uma exigência ética e humana. À luz de bell hooks, orientar a inovação digital pelo pilar da educação significa recusar uma formação limitada ao domínio técnico. Não basta ensinar a usar dispositivos, aplicativos ou plataformas. É preciso formar sujeitos capazes de interrogar as estruturas de poder presentes no ambiente digital, perceber quais vozes são amplificadas e quais são silenciadas, reconhecer como desigualdades podem ser reproduzidas tecnologicamente e discernir como a vida humana corre o risco de ser reduzida a dado, perfil ou padrão.

A pedagogia engajada, alicerçada na lógica do pensamento crítico proposta por bell hooks, ajuda-nos ainda a compreender que a educação deve envolver mente, corpo e espírito. Se a inovação digital afeta a totalidade da vida, então a educação chamada a orientá-la também precisa ser integral, cuidando da inteligência, da sensibilidade, da interioridade e da responsabilidade pelo outro.

Essa perspectiva amplia a compreensão da literacia digital. Não se trata apenas de adquirir competências para operar sistemas ou navegar em plataformas, mas de desenvolver uma presença consciente, ética e humanizada no mundo digital.

Educar, nesse contexto, é ajudar a pessoa a não se deixar absorver inteiramente pelos ritmos da aceleração, da dispersão e do consumo de conteúdos, mas a conservar espaço interior para discernir, escolher, avaliar e permanecer livre.

Essa compreensão dialoga de modo muito direto com o apelo do Papa Leão XIV para que as pessoas cresçam na “liberdade do espírito”. A educação, assim, torna-se caminho para uma presença mais responsável no ambiente digital e, ao mesmo tempo, proteção contra tudo aquilo que fragiliza a autonomia, a profundidade e a qualidade das relações humanas.



## Educação que conscientiza e liberta

Essa mesma linha reflexiva encontra ressonância no pensamento de Paulo Freire (1979), para quem a educação é sempre prática de liberdade. Sua crítica à educação bancária continua atual quando observamos certos modos de relação com o universo digital. Assim como Freire denunciava uma pedagogia em que os educandos eram tratados como recipientes vazios, hoje também somos chamados a questionar experiências digitais que apenas despejam informações, capturam a atenção e naturalizam a passividade dos sujeitos. Em vez disso, Freire nos recorda que educar é problematizar, contextualizar, perguntar, ler criticamente o mundo e agir sobre ele.

A conhecida afirmação de Freire (1979, p. 39), “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, [as pessoas] se educam entre si, mediatizadas pelo mundo”, ilumina fortemente este debate. Se o mundo contemporâneo é amplamente mediado pelo digital, então a tarefa educativa consiste em ajudar todas as pessoas a não serem apenas usuárias das tecnologias, mas sujeitos capazes de compreendê-las criticamente, discernir seus impactos e orientar seus usos com responsabilidade.

**Em Freire, educar é favorecer a autonomia, a conscientização e a capacidade de leitura da realidade. Aplicado ao contexto atual, isso significa formar pessoas que saibam habitar o ambiente digital sem se deixar conduzir passivamente por ele. Significa também compreender que a educação não pode ser neutra diante dos processos que invisibilizam pessoas, banalizam a verdade e enfraquecem a participação crítica na vida social.**

## Educar para discernir os usos do digital

É justamente nesse ponto que bell hooks e Paulo Freire se encontram de maneira relevante para pensar o pilar da educação a partir da proposição do Papa Leão XIV. Com bell hooks, compreendemos que o pensamento crítico é indispen-



sável para questionar silenciamentos, desigualdades e formas sutis de dominação tão presentes também na cultura digital. Com Paulo Freire, compreendemos que a educação deve conduzir à autonomia, à consciência e à leitura crítica do mundo para transformá-lo. Em ambos, a educação é inseparável da dignidade humana, da liberdade e da responsabilidade.

Por isso, essas contribuições são tão importantes para orientar a inovação digital, seus usos e sua presença cotidiana na sociedade. Em vez de uma educação voltada apenas para a adaptação tecnológica, Freire e hooks nos ajudam a pensar uma formação capaz de discernir as lógicas que atravessam o digital, avaliar criticamente seus impactos e promover uma presença mais humana, mais consciente e mais comprometida com o bem comum.

**Portanto, educar para discernir os usos do digital significa formar pessoas que saibam perguntar antes de compartilhar, refletir antes de reagir, avaliar antes de aderir e reconhecer a dignidade do outro antes de reduzi-lo a imagem, comentário ou estatística. Trata-se de uma educação que orienta os usos cotidianos da tecnologia a partir de critérios éticos, comunitários e de fé.**

Nesse sentido, a educação sustenta também os outros dois pilares da tríade proposta por Leão XIV. Sem educação, a responsabilidade corre o risco de reduzir-se a recomendação moral abstrata. Sem educação, a cooperação pode transformar-se em desejo genérico, sem base concreta de escuta, diálogo e construção comum. É a educação que forma consciências responsáveis e comunidades capazes de cooperação verdadeira.

É a educação que ensina a discernir, a reconhecer o outro, a avaliar consequências e a fazer escolhas que tenham em vista o bem da coletividade. Também por isso o pilar da educação não pode ser visto como um elemento entre outros, mas como uma base que torna possível uma inovação digital autenticamente humana. Educar é preparar para o uso responsável da tecnologia e, ao mesmo tempo, para a construção de relações mais cooperativas, solidárias e respeitadas.



## A missão educativa da Igreja neste tempo

A contribuição própria da Igreja, diante desse cenário, não está apenas em aderir às novas tecnologias, mas em recordar que nenhuma inovação pode ocupar o lugar da pessoa humana. Seu serviço educativo é, por isso, insubstituível. As comunidades eclesiais são chamadas a promover uma formação que una pensamento crítico, responsabilidade ética, sensibilidade espiritual e atenção aos mais vulneráveis.

A Igreja é chamada a favorecer espaços de escuta entre gerações, fortalecer processos de literacia midiática e digital, cultivar discernimento diante da avalanche informacional e ajudar cada pessoa a permanecer interiormente livre diante dos mecanismos de aceleração, sedução e controle que marcam a cultura digital. Trata-se de uma missão profundamente pastoral, porque toca o modo como as pessoas vivem, interpretam o mundo, constroem vínculos e respondem aos desafios do tempo presente.

Ao educar para o uso crítico e ético das tecnologias, a Igreja contribui não apenas para uma melhor comunicação, mas para uma sociedade mais humana. Seu compromisso é o de formar sujeitos que saibam habitar o digital sem perder de vista a verdade, a justiça, a solidariedade e a centralidade da pessoa.

**Portanto, preservar vozes e rostos humanos é, no fundo, afirmar que a comunicação não pode ser separada da pessoa concreta. É reconhecer que por trás de cada mensagem, de cada imagem e de cada interação, existe uma vida que não pode ser reduzida a estatística, dado ou perfil. É recordar que a tecnologia deve permanecer a serviço da humanidade, e não o contrário.**

À luz das reflexões do Papa Leão XIV, de bell hooks e de Paulo Freire, podemos dizer que orientar a inovação digital é, antes de tudo, uma tarefa educativa. Educar, hoje, é ajudar a humanidade a não perder a si mesma em meio às transformações tecnológicas, para que o digital não apague o humano, mas permaneça a serviço da dignidade, do encontro e do bem comum.



## Referências

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

HOOKS, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. Tradução de Bhuvli Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.



### Para inspirar a ação



1. Trate a educação midiática como parte da missão evangelizadora da Igreja: não basta saber usar as tecnologias, é preciso também compreender e avaliar o que elas fazem conosco.
2. Forme para o pensamento crítico: nem toda informação merece ser acolhida sem questionamento.
3. Cultive a liberdade interior diante das tecnologias: nem tudo o que atrai precisa ser seguido.
4. Ensine a perguntar antes de compartilhar, a refletir antes de reagir: silêncio, leitura e contemplação são práticas de resistência à aceleração digital.
5. Promova uma educação integral: mente, coração e mãos também habitam o mundo digital.



# Sobre o Grecom/CNBB

O Grupo de Reflexão sobre Comunicação (Grecom/CNBB) é um grupo de reflexão, estudo e pesquisa com vistas a oferecer um aprofundamento da comunicação a serviço da evangelização e da sociedade. De natureza consultiva, é parte essencial da Comissão Episcopal para a Comunicação Social da CNBB. Entre suas atribuições, o Grecom/CNBB busca “refletir sobre a comunicação, em sua natureza processual e estratégica, como processo propulsor e articulador tanto da ação evangelizadora da Igreja quanto da instituição CNBB”; assim como “estudar a comunicação e seus processos a partir da perspectiva cristã e compartilhar conhecimentos da área com os envolvidos com a comunicação com a Igreja no Brasil”.<sup>4</sup>

## Membros do Grecom/CNBB

**Aline Amaro da Silva** é vice-coordenadora do Grecom/CNBB. Doutora e mestra em Teologia, bacharel em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). E-mail: silva.alineamaroda@gmail.com.

**Claudenir Módolo Alves** é mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: dmr.totus@gmail.com.

**Janaína Gonçalves** é mestra em Ciências da Religião e bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Pesquisadora na área de Comunicação e Religião (Intercom). É coordenadora nacional da Pastoral da Comunicação/CNBB. E-mail: jana\_jrn@yahoo.com.br.

---

<sup>4</sup> CONFERÊNCIA Nacional dos Bispos do Brasil. *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*. Documentos da CNBB 99. Edição atualizada. Brasília: Edições CNBB, 2023, n. 321.



**Joana T. Puntel** é irmã paulina, jornalista e doutora em Comunicação Social (Simon Fraser University, Canadá). Pesquisadora da área de Comunicação e Religiões (Intercom) e Comunicação, Teologia e Religião (PUC Minas). É docente no curso de Especialização Comunicação, Teologia e Cultura (ITESP/SEPAC). E-mail: joana.puntel@gmail.com.

**Magali Cunha** é doutora em Ciências da Comunicação, editora-geral do Bereia - Informação e Checagem de Notícias e pesquisadora do Instituto de Estudos da Religião (ISER). E-mail: magali.ncunha@gmail.com.

**Moisés Sbardelotto** é coordenador do Grecom/CNBB. Mestre e doutor em Ciências da Comunicação. Professor da PUC Minas, atuando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião e no Programa de Pós-Graduação Profissional em Teologia Prática. E-mail: moises@pucminas.br.

**Ricardo Alvarenga** é doutor e mestre em Comunicação Social. Professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). E-mail: ricardocalvarenga@gmail.com.



Comissão Episcopal  
para a Comunicação Social

